

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Que Quero Ver

14 de Dezembro de 2020

SHOES / 1916

um filme de Lois Weber

Realização: Lois Weber / **Argumento:** Lois Weber, a partir da história “Shoes”, de Stella Wynne Herron, inspirada no livro de Jane Addams, “A New Conscience and an Ancient Evil” / **Fotografia:** King D. Gray, Stephen S. Norton, Allen G. Siegler / **Com:** Mary MacLaren (Eva Meyer), Harry Griffith (pai), Mattie Witting (mãe), Jessie Arnold (Lil), William V. Mong ('Cabaret' Charlie), Lina Basquette, Violet Schram (irmãs).

Produção: Universal Film Manufacturing Company's Bluebird Photoplays / **Produtores:** Lois Weber, Phillips Smalley / **Cópia:** em DCP (cópia restaurada, original em 35 mm), preto e branco, intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / **Duração:** 50 minutos / **Primeira apresentação pública:** 26 de Junho de 1916, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Com acompanhamento musical ao piano por Daniel Schevtz

Lois Weber (1879-1939) foi e é hoje considerada como um dos grandes nomes da História do Cinema. Contudo, num mundo dominado por realizadores-homens e em que grande parte do cinema mudo é dado como desaparecido, Weber passou facilmente para segundo plano, não obstante no início do século XX o seu nome ser citado ao lado de outros dos grandes pioneiros do cinema mundial como D.W. Griffith ou Cecil B. DeMille. Facilmente percebemos a razão de tais comparações quando deparamos com um filme com a beleza de **Shoes**, que hoje apresentamos numa cópia digital, resultando de um restauro levado a cabo há alguns anos, depois do filme ter estado durante várias décadas “perdido”.

Weber assinou o seu primeiro filme em 1911, numa parceria com Edwin S. Porter (**A Heroine of '76**), e será uma adaptação de “O Mercador de Veneza”, de William Shakespeare, que em 1914 faz dela a primeira realizadora-mulher a assinar uma longa-metragem nos Estados Unidos. Muito activa entre 1914 e a primeira metade dos anos vinte, Weber fazia dos seus filmes um meio para abordar assuntos de grande relevância social, prolongando a sua experiência enquanto voluntária em “missões” em que, durante muitos anos, prestou assistência aos mais pobres na cidade de Nova Iorque, muito especialmente a jovens raparigas, como confessará mais tarde a propósito de **Shoes**. Weber deslocou assim para as dezenas de filmes que realizou questões como o alcoolismo, a prostituição, o planeamento familiar, o trabalho infantil, a hipocrisia religiosa, assuntos que conhecia bem e que na altura geraram muita controvérsia.

Em 1916, o ano em que realizou **Shoes** e outros títulos importantes como **Discontent** ou o muito polémico **Where Are My Children?**, Weber encabeçava os realizadores da Universal Film Manufacturing, o grande estúdio norte-americano de então, tendo uma imensa liberdade e sendo extremamente bem paga. Baseado no conto homónimo de Stella Wynne Herron, cuja inspiração veio de um livro de Jane Addams sobre prostituição intitulado “A New Conscience for an Ancient Evil” (a sua lombada é-nos mostrada na abertura do filme), **Shoes** segue de perto a letra dos textos que adapta, mas surpreende sobretudo pelo modo como nos revela a mestria de Weber na encenação de um drama que combina naturalismo e uma preocupação de justiça social com um supremo domínio dos meios com que trabalha. Nesse sentido, **Shoes** traduz claramente como Weber teve um papel decisivo nesses anos na afirmação do cinema enquanto arte, fazendo explicitamente parte das suas preocupações a realização de um cinema de grande qualidade que se pudesse dirigir a um público mais culto, no sentido de o sensibilizar e cativar.

Shoes retrata a história de Eva Meyer, uma jovem vendedora de um grande armazém que sustenta toda a família, não lhe sobrando dinheiro para conseguir comprar um almejado par de sapatos para substituir os seus, cuja destruição se acentua ao longo do filme. Eva “vendeu-se por um novo par de sapatos”, adverte-nos um cartão inicial, afigurando-se de início o seu trágico destino, em que cederá às investidas de um homem com duvidosas intenções. Mary McLaren tinha 16 anos quando encarnou este papel de jovem condenada a perder a sua inocência face à inclemência da pobreza, numa história particularmente sensível à condição das mulheres no mercado de trabalho, mas também na vida doméstica. A tragédia de Eva era a tragédia de muitas jovens raparigas de então, miseráveis assalariadas que sustentavam famílias inteiras.

Em **Shoes** é magnífico o modo como a câmara de Weber se detém nos sapatos novos expostos numa montra, quotidianamente cobijados por Eva, assim como o modo como regista pacientemente a degradação dos sapatos da pobre rapariga em sucessivos dias de chuva e os seus incansáveis esforços para os reparar, antes de se aventurar pelas ruas da cidade. Um realismo raro, que reencontraremos muitos anos depois em Itália. Note-se ainda aqui o talento de Weber no seu jogo entre a grandeza dos planos e um apurado sentido de composição, logo visível na sequência inicial, em que ao grande plano do rosto de Eva sucede a sequência mais geral do dia do pagamento no interior da loja, uma sequência magnificamente encenada e enquadrada.

Como escreveu Robert Byrne num artigo sobre **Shoes**, não obstante alguma crítica pelo seu “realismo excessivo”, **Shoes** foi descrito na época pelo *Los Angeles Times* como “a maior ‘photoplay’ que Lois Weber alguma vez produziu” e “Louella Parsons declarou-o como um dos melhores filmes de 1916”. **Shoes** foi também o filme da Universal com mais público no ano de 1916. Hoje, muito menos conhecido do que então, resta-nos esperar que mais filmes de Weber possam ser “descobertos”.

Joana Ascensão